

I.9. La finzione dell'Impero

Testo 9.5 Fernão Mendes Pinto, [Di molte altre strane cose che abbiamo visto] in *Peregrinação e outras obras*, edição de António José Saraiva, Sá da Costa, Lisboa, 1981 (2ª edição), vol. 2, pp. 167-173.

DE OUTRAS MUITAS DIVERSIDADES DE COUSAS QUE VIMOS, E DA ORDEM QUE SE TEM NAS CIDADES MOVEDIÇAS QUE SE FAZEM NOS RIOS, EM EMBARCAÇÕES

Vimos também ao longo deste grande rio por onde íamos, grande multidão de porcos e sendeiros bravos e mansos, que homens a cavalo guardavam. E noutra parte muitos bandos de veados mansos que homens de pé guardavam e os traziam a pascer, os quais veados todos eram mancos da mão direita para não poderem fugir, a qual manqueira lhe fazem em pequenos por correrem menos perigo. Vimos também muitos currais em que criavam grande soma de gosos¹ para venderem aos marchantes, porque toda a sorte de carne se come nesta terra, e pelos talhos e preços se sabe de que sorte é. Vimos mais muitas barças cheias de leitões, e outras cheias de cágados, rãs, lontras, cobras, enguias, caracóis e lagartos, porque tudo, como digo, se compra para se comer. E porque as cousas desta qualidade são de menos preço, se permite aos que tratam nelas tratarem em muitas sortes delas, porque a tudo se tem respeito; contudo se fazem certas franquezas mais numas cousas que em outras, por que não falte quem venda tudo. E já que a ocasião do que vou tratando me dá licença para falar de tudo, direi o que mais vimos, e de que nos não espantámos pouco, por vermos de quão baixas e quão imundas cousas lança mão a cobiça dos homens para seu proveito; e isto é que vimos outra muita gente que trata em comprar e vender o esterco dos homens, o qual entre eles não é tão má veniaga que não haja muitos mercadores dela, muito honrados e ricos, e este esterco serve para estercar as sementeiras em terras alqueivadas de novo, porque acham que é melhor do que o de que comumente se usa. E os que comprem isto andam pelas ruas tangendo em umas tabuinhas, como quem pede para São Lázaro, e assim declaram o que querem comprar, porque não deixam de entender quão sujo é o seu nome próprio, e quão mau para se apregoar pelas ruas. E é tão boa esta veniaga entre eles que às vezes se vê num porto de mar entrarem numa maré duzentas e trezentas velas a carregar dela, como nesta nossa terra entram urcas² a carregar de sal, e ainda se lhe dá muitas vezes por repartição de almotaçaria³, conforme à falta que há dela na terra, e por ser este esterco tão excelente para as sementeiras, dá esta terra da China três novidades cada ano.

Vimos também muitas embarcações carregadas de cascas de laranjas secas, que servem para nas tabernas se cozerem com a carne do cão, para lhe tirar o mau cheiro que de si tem, e secar-lhe a humidade, e fazê-la mais tesa. Vimos também (como já disse) por este rio acima muitos vancões, lanteias e barças carregadas de quantos mantimentos a terra e o mar podem produzir, e isto em tanta abundância que realmente afirmo que não sei como nem com que palavras o possa contar, porque não se há-de imaginar que há destas cousas a quantidade que há, nestas terras que por cá se sabem, senão de cada cousa destas por si há duzentas, trezen-

tas embarcações, principalmente nos chandeus e feiras que se fazem nos dias dos seus pagodes, em que tudo é franco, pelo grande concurso de gente que nelas se ajunta, e as casas destes pagodes, todas ou a maior delas, estão situadas à borda do rio, para que o carreto das cousas fique menos trabalhoso e elas fiquem mais nobres e mais abastadas. E quando estas embarcações se juntam nestas feiras, se ordena delas uma cidade muito grande e muito nobre, que ao longo da terra toma comprimento de mais de uma légua e quase de um terço de largo, em que há mais de vinte mil embarcações, afora balões, e guedés, e manchuas⁴, que não têm conto por serem embarcações muito pequenas, e em que a gente negocia.

Nesta cidade, por ordem do aítai⁵ da Batampina, que, como já disse, é o supremo presidente sobre todos os trinta e dous almirantes dos trinta e dous reinos desta monarquia, há sessenta capitães, trinta do governo da república desta cidade, e que têm cargo de a porem por sua ordem e ouvirem as partes de sua justiça, e outras trinta para guarda dos mercadores que vêm de fora, por que naveguem seguramente e sem receio de ladrões; e sobre estes todos há um chaém que na jurisdição do civil e crime tem mero e místico império, sem apelação nem agravo. E nos quinze dias que estas feiras duram, que é da lua nova até a cheia, é mais para ver a polícia e o concerto, e a nobreza desta cidade, que está fabricada no rio em embarcações, que quantos edifícios há na terra, porque nela se vêem duas mil ruas muito compridas e muito direitas, fechadas todas com embarcações de uma parte e da outra, e as mais delas com toldos de seda e muitos estandartes, guiões e bandeiras, e varandas pintadas de diversas pinturas, em cima das quais se vendem todas as cousas quantas se podem desejar; noutras, há todos os oficiais mecânicos de quantos ofícios há nas repúblicas; e pelo meio corre a gente que negocia, em umas manchuas pequenas, muito pacificamente, sem estrondo nem rebuliço nenhum. E se acaso se acha ladrão que furtasse alguma cousa, lago na mesma hora é castigado conforme ao delito que cometeu. Tanto que é noite, se fecham todas estas ruas com cordas que se atravessam de umas às outras, para que ninguém passo depois de o sino ser corrido. Em cada rua destas há dez, doze lanternas acesas, postas em cima dos mastos, para que se veja quem passa de noite, quem é, para onde vai, e o que busca, para que pela manhã se dê razão de tudo ao chaém, e esta quantidade de luminárias, vista assim juntamente de noite, é a mais fermosa cousa e mais para ver que quantas se podem imaginar. Em cada rua destas há um sino de vigia, e quando se toca o da embarcação do chaém, respondem os outros todos a ele, com tamanho estrondo de vozes que nós ficamos pasmados de ouvir uma cousa quicá nunca imaginada dos homens e de tanto concerto e tão bom regimento. Em cada uma destas ruas, até nas mais pobres, há casas de oração fabricadas sobre grandes barças, como galés, e muito limpas e bem concertadas, com toldos cozidos em ouro, que servem de capela, onde está o ídolo com seus sacerdotes, que ministram os sacrifícios que a gente do povo oferece, de que todos têm assaz larga comédia das ofertas e esmolas que lhes dão continuamente. A cada homem honrado ou mercador principal destas ruas nobres lhe cai por distribuição uma noite de vigia com certos homens de sua quadrilha, afora os trinta capitães do governo que roldam por fora em balões muito bem esquipados, por que não escape ladrão em nenhuma parte, os quais sempre andam bradando para que sejam ouvidos.

Entre algumas cousas notáveis que aqui vimos, foi uma rua de mais de cem embarcações carregadas de ídolos de pau, dourados, de muitas sortes, que se vendiam para se oferecerem nos pagodes, e afora isto, pés, e pernas, e braços, e cabeças, que homens doentes compravam para oferecerem por sua devoção. Há tam-

bém outras embarcações toldadas de seda, em que se fazem muitas farsas e muitos jogos de diversas maneiras, a que muita gente do povo concorre para seu passatempo. Há outras em que se vendem letras de câmbio para se passar dinheiro da terra para o céu, de que estes sacerdotes de Satanás lhe prometem muitos ganhos e interesses, e lhes afirmam que sem estes câmbios se não podem salvar por nenhuma via, visto ser Deus mortal inimigo dos que não dão esmola aos pagodes, e disto lhe dizem tantas mentiras e lhes pregam tantas patranhas, que os coitados deixam muitas vezes de comer por lho darem.

Há outras embarcações carregadas de caveiras de defuntos, em muita quantidade, que homens comprem para que, quando algum morre, lhas levem por oferta diante da tumba, porque dizem que, assim como aquele defunto vai à cova acompanhado daquelas caveiras, assim a sua alma há-de entrar no céu acompanhada das esmolas daqueles cujas foram aquelas caveiras, porque quando o porteiro do paraíso o vir lá com muitos criados, lhe fará honra como a homem que cá nesta vida foi senhor de todos aqueles, porque se for pobre e não for acompanhado, não lhe abrirão, e quanto um mais caveiras leva, tanto se julga por mais bem-aventurado. Há também outras embarcações em que os homens trazem grande soma de gaiolas com passarinhos vivos, e tangendo com instrumentos musicais, dizem em voz alta à gente que os ouve, que libertem aqueles cativos, que são criaturas de Deus, a que muita gente acode a lhes dar esmola, com que resgata daqueles cativos, os que cada um quer, e os lança logo a voar, e toda a gente, dando uma grande grita, lhes diz: «Pichau pitanel catão vacaxi», que quer dizer: «Dize lá a Deus coma cá o servimos». Há outros homens que noutras embarcações trazem grandes panelas cheias de água, em que trazem muitos pexinhos vivos que tomam nos rios, numas redes de malhas muito miúdas, e também pela mesma maneira vêm bradando que libertem aqueles cativos por serviço de Deus, que são inocentes que nunca pecaram, a que também as gentes, dando sua esmola, comprem daqueles pexinhos os que querem, e os tornam lago a lançar no rio, dizendo: «Vai-te embora, e lá dize de mim este bem que te fiz por serviço de Deus». E estas embarcações em que estas cousas se trazem a vender, não se hão-de contar por menos soma que de cento e duzentas para cima, e outras muitas de outras cousas em muito mor quantidade.

1. Cani bastardi.

2. Antiche imbarcazioni dalla stiva molto capace.

3. La fissazione dei prezzi e delle tasse stabilita dal funzionario addetto (l'«almotacé»).

4. Altri tipi di imbarcazione. Il «balang» è una

imbarcazione con due alberi maestri, il «guesdes», una imbarcazione di dimensioni modeste, la «manchua» una nave con un albero maestro e una vela quadrata o a remi.

5. L'ammiraglio cinese che ha giurisdizione sui marittimi e sugli stranieri.

DI MOLTE ALTRE STRANE COSE CHE ABBIAMO VISTO E DELLA DISPOSIZIONE DELLE CITTÀ MOBILI CHE FANNO NEI FIUMI, SU IMBARCAZIONI

Abbiamo visto lungo questo grande fiume che stavamo percorrendo, una gran quantità di maiali e ronzini selvaggi e addomesticati, che degli uomini a cavallo custodivano. E da un'altra parte molti branchi di cervi addomesticati che uomini a piedi custodivano e portavano a pascolare, questi cervi erano tutti senza la zampa destra affinché non potessero sfuggire e questa mutilazione gliela fanno da piccoli per correre meno pericoli. Abbiamo anche visto molti recinti in cui allevavano grandi quantità di cani per venderli ai mercanti,

perché in questa terra si mangiano tutti i tipi di carne ed è dai tagli e dai prezzi che si sa di che tipo è. Abbiamo visto inoltre molte chiatte piene di porcellini, e altre piene di testugini, rane, lontre, serpenti, anguille, lumache e lucertole, questo perché, come ho detto, tutto si acquista per essere mangiato.

E poiché le cose di questo tipo sono meno costose, si permette a coloro che commerciano in queste di averne molti tipi, allo stesso tempo, si hanno certe libertà più in alcune cose che in altre, perché non manchi chi vende tutto. E poiché l'occasione di quello che sto trattando mi dà il permesso di parlare di tutto, dirò quel che abbiamo visto, e che non poco ci ha meravigliato, vedendo quanto basse e immonde cose conquista l'avidità degli uomini per il loro profitto; abbiamo visto molta gente che si occupa dell'acquisto e della vendita dello sterco degli uomini, che tra loro non è ritenuta una merce così immonda e ci sono molti commercianti di questa, molto onorati e ricchi, e questo letame viene utilizzato per concimare le semina sul terreno maggesi, perché pensano che sia migliore di quello che comunemente viene utilizzato. E chi acquista questo, cammina per le strade battendo su tavolette, come per la questua di san Lazzaro, e in questo modo dichiarano quello che vogliono comprare e non lasciano intendere quanto sporco è il suo nome, e quanto sarebbe disdicevole urlarlo per le strade. Ed è così apprezzata questa merce tra di loro che a volte si vedono entrare in porto duecento o trecento navi per caricarla, come in questa nostra terra entrano le *urcas* a caricare sale, e inoltre molte volte la fissazione del prezzo viene stabilita secondo la necessità che vi è di essa nella terra, e poiché questo letame è così eccellente per la semina, la terra di Cina dà tre raccolti all'anno.

Abbiamo visto anche numerose imbarcazioni cariche di bucce d'arancia essiccate, utilizzate nelle taverne per cuocere la carne di cane, per toglierne la puzza, togliere l'umidità e renderla più secca. Abbiamo anche visto (come ho già detto) sopra questo fiume molte imbarcazioni a remi, sampan e chiatte cariche di quanti generi alimentari la terra e il mare sono in grado di produrre, e questo in tale abbondanza che non so davvero come o con quali parole lo posso raccontare, perché non si riesce a immaginare la quantità che c'è di queste cose, in queste terre, che solo qui si sanno. Per ogni tipo di merce ci sono duecento, trecento imbarcazioni, in particolare in fiere e mercati che si fanno nei giorni dei loro idoli, dove tutto è libero, per la grande affluenza di gente che in loro confluisce, e le case di questi idoli, tutte o la maggior parte di loro, si trovano in riva al fiume, in modo che il trasporto delle cose sia meno faticoso e i templi siano più nobili e più ricchi. E quando queste imbarcazioni si riuniscono in queste fiere, disponendosi creano una città molto grande e molto nobile, che sulla terra è lunga più di una lega e quasi un terzo di larghezza, in cui ci sono più di ventimila imbarcazioni, oltre a *balang*, *guedes* e *manchua*, che non conto perché sono imbarcazioni molto piccole, in cui la gente negozia.

In questa città, per ordine dell'*aitu* di Batampina, che, come ho già detto, è il capo supremo di tutti i trentadue governatori dei trentadue regni di questo regno, ci sono sessanta capitani, trenta per il governo di questa città, e che hanno il compito di mantenere l'ordine e assicurare la giustizia, e altri trenta a guardia dei mercanti che vengono da fuori, perché navighino in sicurezza e senza paura dei ladri; e su tutti questi c'è un magistrato che nella giurisdizione civile e del crimine ha completa autorità, senza possibile appello o ricorso. E nei quindici giorni che queste fiere durano, dalla luna nuova alla luna piena, si vede l'ordine, l'armonia e la bellezza di questa città, che è costruita sul fiume, in imbarcazioni, questa supera molte città che vi sono sulla terraferma con le sue duemila vie molto lunghe e diritte, chiuse tutte da imbarcazioni da una parte e dall'altra, e la maggior parte di queste con tendoni di seta e molti stendardi, vessilli e bandiere, e logge dipinte con diverse pitture, sulle quali si vendono tutte le cose che si possono desiderare. In altre, vi sono tutti gli operai e gli artigiani necessari al buon funzionamento della città; e nel mezzo vi è la gente che negozia, in piccole *manchuas*, molto pacificamente, senza grida né alcuna confusione. E se per caso

si trova un ladro che abbia rubato qualcosa, viene immediatamente punito secondo il reato che ha commesso. Quando è notte, tutte queste vie vengono chiuse con delle corde che passano da una all'altra, affinché nessun passo dopo il segnale venga percorso. In ognuna di queste vie ci sono dieci, dodici lanterne accese, poste in cima agli alberi maestri, affinché si veda chi passa di notte, chi è, dove va e cosa cerca, così che al mattino si dia ragione di tutto al magistrato, e questa quantità di luci, viste così tutte insieme di notte, è la cosa più bella da vedere che si possa immaginare. In ognuna di queste vie c'è un segnale di guardia, e quando viene suonato quello dell'imbarcazione del magistrato, tutti gli altri gli rispondono, con così gran frastuono che rimanemmo stupiti di udire una cosa forse mai immaginata dagli uomini e così armoniosa e così ben ordinata. In ogni via, persino nelle più povere, vi sono case di preghiera costruite su grandi chiatte, come galee, e molto pulite e ben disposte, con tendoni cuciti in oro, che servono da cappella, dove viene posto l'idolo con i suoi sacerdoti, che ministrano i sacrifici che la gente del popolo offre, e tutti i sacerdoti ne ricavano pasti abbondanti. A ogni uomo onorevole o principale mercante di queste nobili vie, gli spetta, per ripartizione, una notte di sorveglianza con alcuni uomini dei suoi, oltre i trenta capitani del governo che fanno le ronde esterne, in *balang* molto ben equipaggiate, affinché non riesca a fuggire da nessuna parte alcun ladro, e sempre si muovono gridando per essere uditi.

Tra alcune cose notevoli che qui abbiamo visto, vi era una via con più di un centinaio di imbarcazioni cariche di idoli di legno, dorati, di molti tipi, che si vendevano per essere offerti nelle pagode, e oltre a questo, piedi, gambe, braccia e teste, che uomini malati compravano per offrire la loro devozione. Ci sono anche altre imbarcazioni ricoperte di seta, in cui si fanno molte farse e molti giochi di diverso tipo, a cui molte persone del popolo accorrono per il loro passatempo. Ce ne sono altre in cui si vendono cambiali per trasferire soldi dalla terra al cielo, perché questi sacerdoti di Satana promettono loro molti guadagni e interessi, e affermano che senza questi scambi non si possono salvare in nessun modo, dal momento che Dio è nemico mortale di coloro che non danno elemosina alle pagode, e gli dicono così tante bugie e gli predicano così tante menzogne, che i poveretti spesso smettono di mangiare per versare il denaro.

Ci sono altre imbarcazioni cariche di teschi di defunti, in grandi quantità, che gli uomini comprano in modo che quando uno muore, glieli portano come offerta presso la tomba, perché dicono che, se quel defunto viene sepolto accompagnato da quei teschi, la sua anima entra in cielo accompagnata dalle elemosine di coloro di cui erano quei teschi, perché quando il guardiano del paradiso lo vede lì con molti servi, gli farà onore come a uomo che in questa vita era signore di tutti quelli, perché se è povero e non accompagnato, non gli apriranno, e quanto uno più teschi porta, tanto si giudica che sia fortunato. Ci sono anche altre imbarcazioni in cui gli uomini trasportano grandi quantità di gabbie con uccelli vivi, e suonando con strumenti musicali, dicono ad alta voce alle persone che li ascoltano, di liberare quei prigionieri che sono creature di Dio: molte persone accorrono a dar loro l'offerta con cui riscattano quei prigionieri, ognuno quello che vuole, e poi subito li fan volare, e tutti, facendo un grande grido, dicono loro: «Pichau pitanel Cato vacaxi», che significa: «Dite lassù a Dio come quaggiù lo sappiamo servire».

Ci sono altri uomini in altre imbarcazioni che trasportano grandi recipienti pieni d'acqua, in cui vi sono molti pesciolini vivi che pescano nei fiumi, con reti a maglie molto strette, e sempre allo stesso modo urlano che si liberino quei prigionieri per servire Dio, che sono innocenti e che non hanno mai peccato, e anche qui le persone, dando un'offerta, comprano i pesciolini che vogliono e li tornano a gettare nel fiume, dicendo: «Vai via, e racconta di me questo bene che ti ho fatto per servire Dio». E queste imbarcazioni, in cui si vendono queste cose, non devono essere contate per meno di cento o duecento o anche più, e molte altre, con altre merci, in quantità ancora maggiore.